

Animação sobre
Tenório Jr abre o
Festival do Rio



PÁGINA 5

Toninho Geraes
agora é intérprete
de si mesmo



PÁGINA 3

Remake de 'Vale
Tudo' não agrada a
Renata Sorrah



PÁGINA 6

2º CADERNO

Histórias da floresta



Michael Dantas/Divulgação

Com 25 anos de atuação, e pela primeira vez no Rio, Corpo de Dança do Amazonas apresenta dois espetáculos no Rio

Dando continuidade ao Programa de Ocupação dos Espaços da Caixa Cultural, o projeto Circulação Amazônica recebe dois espetáculos realizados pelo Corpo de Dança do Amazonas, com direção de Mário Nascimento.

“Rios Voadores”, com apresentações nesta quinta e sexta-feiras (5 e 6), às 19h, é um espetáculo de Rosa An-

tuíña e traz à cena a importância da preservação do meio ambiente como ponto crucial para o equilíbrio do planeta. O termo rios voadores representa um fenômeno onde uma gigantesca massa de vapor de água vinda do oceano é somada à transpiração da floresta. O equilíbrio das chuvas em outras regiões do Brasil depende do equilíbrio da floresta amazônica e da formação dos rios voadores.

O espetáculo “TA - Sobre ser Grande”, de Mário Nascimento, com apresentações no sábado e domingo (7 e

8), às 19h e 18h respectivamente, reúne bailarinos para representar uma tribo da etnia Tikuna e expressar o sentimento de ser da região Norte. Para os Tikunas, povo originário do Amazonas, TA significa grande. Uma expressão curta e carregada de sentidos, já que a língua para esses povos é parte deles, os sons do ambiente fazem parte do idioma que se fala, além de relevar toda força de um povo que vive nessa amplitude, o Amazonas.

Continua na página seguinte

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Vibra Open Air: cinema em tela gigante até o dia 22

Vibra Open Air começa nesta quarta com pipoca grátis

O Vibra Open Air 2023 começa nesta quarta-feira (4) e vai até o dia 22 no Jockey Club Brasileiro. Mas não só cinema. Além da telona do evento exibindo títulos de sucesso, o público receberá pipocas gratuitamente e contará com variadas opções gastronômicas, com preços diversos, para o consumo.

Corrente do bem

Eliana se tornou doadora de órgãos. A apresentadora tomou a decisão sob a influência de uma campanha movida pela família de Fausto Silva. Em postagem nas suas redes, a apresentadora diz que está aderindo a uma corrente do bem.

Masterclass

O Theatro Municipal do Rio oferece na próxima terça-feira (10), na Sala Mário Tavares, masterclass gratuita com o soprano Ludmilla Bauerfeldt com participação do pianista Edvan Moraes. As inscrições estão abertas até sexta-feira no site do teatro.

Um olho na supertela, outro no lanche. Para agradar adultos e crianças, pizzas rústicas com valor fixo de R\$ 30, empanadas variadas por R\$ 15, esfihas e quibes por R\$ 12 e sanduíche de quebab por R\$ 25, pratos com influência africana que variam de R\$ 20 a R\$ 38 e sorvetes com sabores diversos de R\$ 23 a R\$ 38.

Seminário

Nesta quarta-feira (4) o Teatro Cesgranrio recebe o 2º Seminário de Empreendedorismo Cultural, que tem patrocínio da Claro, Governo do Estado do Rio, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa, através da Lei Estadual de Incentivo à Cultura.

Login restrito

Depois da Netflix, o serviço de streaming Disney+ vai impossibilitar o compartilhamento de senhas entre seus assinantes. O Canadá será o primeiro país a ser afetado pela medida, a partir de 1º de novembro. Ainda não houve anúncio sobre o Brasil.



Rios Voadores, montagem do Corpo de Dança do Amazonas

Grupo é referência de dança na Região Norte

O Corpo de Dança do Amazonas foi criado em 1998 pelo governo daquele estado, por meio da Secretaria de Cultura, para compor os corpos artísticos do Teatro Amazonas. É referência em dança contemporânea no Amazonas e na região Norte do país, mantém uma programação artística com repertório diverso.

A companhia vem construindo um patrimônio material reconhecido nacionalmente, com mais de 60 obras realizadas com

a colaboração de artistas convidados do Brasil e do exterior, que mostram a diversidade cultural local por meio da pluralidade da dança contemporânea, levando em consideração a singularidade da Amazônia e a diversidade e abrangência da cultura.

A última edição do Programa de Ocupação dos Espaços da Caixa Cultural ocorreu em 2018. Retomando o apoio do banco à produção artística e cultural brasileira, a instituição investirá o total de R\$ 30 milhões

para a ocupação das unidades, no período de setembro de 2023 a março de 2024.

Por meio desse investimento, além de estimular a democratização da cultura, levando ao público uma programação diversa, a preços acessíveis, o banco ajuda a aquecer o mercado cultural e a economia, gerando emprego e renda.

A Caixa Cultural desenvolve, há 42 anos, ações voltadas à difusão da cultura brasileira: de oficinas de arte-educação à promoção de espetáculos de música, dança e teatro, além de exposições de obras de arte e do Acervo Caixa nas galerias. Além da programação presencial nas unidades, a instituição promove atividades on-line, como mediações e cursos de formação.

SERVIÇO

RIOS VOADORES E TA - SOBRE SER GRANDE
Caixa Cultural Rio – Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 – Centro)
De 5 a 8/10, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)
Entrada gratuita, sujeita a lotação de sala

Autor de sucessos do samba, Toninho Geraes diz que precisou interpretar suas canções para ter reconhecimento como artista

Por Nicollas Witzel (Folhapress)

Antônio Ribeiro não gosta de ser chamado de “hitmaker”. Conhecido pela composição de grandes letras como “Seu Balancê” e “Mulheres”, sucessos nos discos e rodas de samba de todo o Brasil, o mineiro de Belo Horizonte acredita merecer um espaço também entre os cantores. “Existe uma ponte que é você sair da coxia e ir para a frente. O compositor escreve para outras pessoas aparecerem, e eu tinha que transpor esse lado para virar um compositor artista. Hoje, compo-nho para mim”, diz ele. Toninho está compondo um novo disco, “Revira-volta”, no qual escreve e canta. Uma faixa de mesmo nome, parceria com Chico Alves, já está disponível no rádio e no streaming.

O nome artístico pelo qual se tornou conhecido é herança de um tempo em que Toninho, recém-chegado ao Rio e ainda sem grandes composições para mostrar, participou de um projeto comum à época que recebia o nome de “pau de sebo”. Semelhante à brincadeira de festa junina - aquele capaz de escalar um tronco escorregadio até o topo ganha uma prenda -, esse tipo de projeto era uma espécie de teste feito pelas gravadoras para descobrir artistas que mereciam o investimento de um álbum solo.

Ali ele conseguiu bons resultados e conquistou seu primeiro disco, mas perdeu a briga pelo sobrenome para o já consolidado Roberto Ribeiro, que não tinha em seu nome de batismo nem Roberto nem Ribeiro - chamava-se Dermeval Miranda. “Tentei

‘Hoje componho para mim’

Reprodução YouTube



Geraes: ‘Um amigo fez um samba campeão de grupo especial e não ganhou um real’

ser Toninho Ribeiro e não consegui. Na gravadora, me disseram: fala um outro nome aí! E eu disse, bem, o Zeca só me chama de Gerais.”

Zeca, o Pagodinho, também começou a carreira participando de projetos como aquele, mas alcançou um crescimento tão meteórico que tornou injusta a comparação com praticamente qualquer outro nome do cancionário popular. Os dois viraram parceiros de copo e de canja, e as visitas ao famoso sítio de Xerém, na Baixada Fluminense, se tornariam frequentes. “Na medida que você vai gravando e as músicas vão acontecendo, você vai sendo observado por todo mundo. Os intérpretes querem músicas suas porque eles são, principalmente, intérpretes”, explica.

“O Zeca, por exemplo, é um compositor maravilhoso, mas pensa tanto nos compositores que não têm a oportunidade de cantar suas obras

que em seus projetos coloca uma ou duas músicas dele, no máximo, e enche o disco com obras de outros autores. Autores esses que ficam o ano todo esperando que ele grave um disco.”

Para Toninho Geraes, a grande oportunidade ao lado de Zeca veio com “Seu Balancê”, uma parceria com Paulinho Rezende. Os dois já conviviam, mas Toninho, à época, nunca tinha mostrado uma composição sua ao colega. O samba agradou tanto que foi a primeira faixa do disco de mesmo nome do cantor, lançado em 1998, e até hoje é faixa garantida nos shows.

Hoje, segundo ele, seu estilo mudou. Seus dois maiores sucessos são vistos pelo compositor como “música de mercado”, daquelas que dão dinheiro, mas não refletem a profundidade emocional do artista. “Meu maior estouro, que foi ‘Mulheres’, eu

já não faria hoje. Quando fiz, sabia que a música ia explodir. É mercado, dinheiro. Acabei de compor e falei para mim mesmo: achei a mina de ouro.”

Apesar do sucesso estrondoso na voz de Martinho da Vila - ela também seria regravada em diferentes versões por nomes como Emílio Santiago, Simone e até a dupla Chitãozinho e Xororó -, “Mulheres” foi parar no centro de uma polêmica envolvendo acusações de machismo e misoginia, da qual Geraes se considera vítima. Repaginada por um grupo de samba carioca composto só de mulheres, a letra ganhou uma perspectiva feminista e fez sucesso nas rodas do Rio. Terminaria gravada em disco pelas artistas, Doralyce e Silvia Duffrayer, o que irritou Toninho. Depois que ele mandou tirar a versão do circuito de streaming, chegaram as acusações. “Enquanto a questão é

panfletária, está tudo certo. Embora eu não concorde que minha música seja machista, porque ela contempla vários gêneros”, diz ele, completando que a letra continua fazendo sentido considerando um eu lírico feminino, que conta à parceira que já teve outras mulheres “de todas as cores, de várias idades e muitos amores”. Caberia também para um homem que canta para outro, e até para uma mulher heterossexual.

Plágio de Adele

A mesma música acabaria sendo objeto de outra briga, esta mais judicializada, contra a cantora Adele. Em 2015, a britânica publicou “Million Years Ago”, que não chegou a ser um de seus maiores sucessos, mas rendeu uma acusação de plágio por ter uma melodia praticamente igual à de “Mulheres”.

Responsável pelo caso, o advogado Fredímio Trotta diz que, em termos técnicos, 87% da produção de Adele é idêntica ou muito semelhante à de Toninho, que quer receber tudo o que a cantora lucrou com a música, além de ser creditado como autor da canção.

Durante a entrevista, Toninho conta como descobriu o plágio e a própria Adele, da qual nunca tinha ouvido falar, ao encontrar casualmente o amigo Misael da Hora no Rio. Anos depois, ele segue buscando uma reparação, mas diz que sua motivação não é o dinheiro, e sim a preservação de seu legado artístico.

Gravado por Bezerra da Silva, Diogo Nogueira, Agepê, Zeca do Trombone e Bete Carvalho, Toninho parece estar compondo em todo lugar. Menos nas escolas de samba. Ele reclama que, hoje em dia, o ingresso para entrar na briga por uma composição-enredo ficou caro demais, e que as agremiações não repassam ao compositor o devido valor financeiro por suas obras.

“Virou uma coisa de louco. Dois fazem e seis assinam. Um leva o dinheiro, outro é amigo do presidente... Rola mentira demais. Um amigo meu fez um samba campeão, de grupo especial, e não ganhou um real. A maioria das escolas fica com quase todo o dinheiro que é do compositor. Ninguém quer falar sobre isso. Eu falo, é verdade!”

Maciel Goelzer/Divulgação



Professor na Casa do Choro/EPM, Bolão influenciou gerações de bateristas e percussionistas

Ao Oscar Bolão com carinho

Discípulo do baterista, Marcos Thadeu dos Santos revive na Casa do Choro duo que o músico formava com o pianista Fernando Leitzke

Na abertura da programação de outubro na série Pratas da Casa, a Casa do Choro presta homenagem a um de seus colaboradores mais queridos: o baterista e percussionista Oscar Bolão, professor de suas turmas desde os primeiros anos da Escola Portátil de Música (EPM) e grande estudioso dos ritmos brasileiros na bateria. Marcado para esta quarta-feira (4), às 19h, o tributo a Bolão – falecido em fevereiro do ano

passado, aos 68 anos – reeditará no Auditório Radamés Gnattali o duo formado por ele com o pianista Fernando Leitzke. Nas baquetas estará um de seus mais fiéis alunos e discípulos, Marcus Thadeu dos Santos, também baterista, percussionista e professor da Casa do Choro/EPM.

No repertório estarão números recorrentes do duo, entre eles clássicos de Ary Barroso (“Na Baixa do Sapateiro”) e Dorival Caymmi (“João Valentão”, “Maracangalha”), além de composições de Fernan-

do Leitzke (“Chaleira quente”) e do próprio Bolão (“Duque de caixinhas”). Neste último número, escrito para duas caixas, Thadeu dividirá a interpretação com o percussionista Gabriel Leite, um dos convidados do show. Também farão participações especiais outros ex-alunos: André Vercelino, Bidu Campeche e o caçula do elenco, Gabriel Teixeira, de 21 anos.

“Bolão teve importância máxima para mim, não só pelo que me ensinou com as baquetas, mas também porque me ajudou a ser

o músico profissional que me tornei”, afirma Marcus Thadeu dos Santos. “Não me esqueço da nossa primeira aula, eu aos 16 anos, todo acanhado, e ele entrando na sala daquele jeito: ‘Aqui não tem esse negócio de vergonha. É chegar e tocar!’ Em pouco tempo eu já estava contagiado por aquela energia, que aliás me norteia até hoje. Eu queria ser igual a ele”, recorda o discípulo.

SERVIÇO

PRATAS DA CASA - HOMENAGEM A OSCAR BOLÃO

Casa do Choro (Rua Carioca, 38 - Centro)
4/10, às 19h
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25

Jussara Silveira em formato trio

Fernando Naiberg/Divulgação



Jussara Silveira

Dona de um timbre único, Jussara Silveira apresenta no Manouche pela primeira vez o show “A Voz do Coração” nesta quinta (5) ao lado dos músicos Antonio Guerra (teclados) e Marcelo Costa (percussão).

Esta formação minimalista, apresentada online e depois gravada em estúdio com Sacha Amback, traz a mesma afinidade entre os três artistas com o repertório dos shows que resultaram no álbum “Ame ou se Mande”, lançado pelo selo Joia Moderna.

Mas o tempo soma novidades e foram selecionadas outras canções que entram na mesma sintonia, apontando uma viagem introspectiva como em “Três”, parceria de Marina Lima e Antonio Cícero, inédita na voz de Jussara, que abre o espetáculo que inclui maravilhas contemporâneas interpretadas por uma cantora de escolhas sempre criteriosas e certeiras, ouvindo - e mostrando - a voz do coração.

SERVIÇO

JUSSARA SILVEIRA - A VOZ DO CORAÇÃO

Manouche: (Rua Jardim Botânico, 983)

5/10, às 21h

Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50

(ingresso solidário, levando 1kg de alimento não perecível ou livro para doação)

Animação investigativa de Fernando Trueba e Javier Mariscal com depoimentos de Gil, Chico e Caetano abre a edição 2023 do Festival do Rio



Talento pianista e um dos pais do sambalço, Tenório Jr acompanhava Vinicius e Toquinho em shows pelo mundo até desaparecer na Argentina

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Está à venda em livrarias de toda a Espanha um quadrinho que narra um dos raros momentos em que a alegria da bossa nova desafinou: “Dispararon Al Pianista” é o nome do álbum que dá tinta, papel e a estampa de qualidade do mercado editorial europeu a uma história triste que seus autores, o cineasta Fernando Trueba e o designer Javier Mariscal, confeccionaram ainda em forma de filme.

E que filme! Um filme que saiu ovacionado da maratona cinematográfica de San Sebastián, no dia 22 de setembro, e que, nesta quinta-feira, chega à telona do Odeon a fim de dar a largada para o Festival do Rio 2023. Seu personagem central: o ás do piano Tenório Jr (1941-1976). A parte doída de sua história, na virada dos anos 1970, em Buenos Aires, ele saiu para comprar um sanduíche, cigarros & afins e... sumiu, ou... foi sumido.

Muita gente boa da MPB conta suas versões sobre o desaparecimento, a ausência e o talento dele, incluindo Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, João Donato (que nos deixou faz pouco). Cada uma dessas celebridades aparece em cena versões animadas, mas com suas próprias vozes.

“Num mundo em que era chique sair de gravata, a bossa nova inaugurou uma maneira de cantar bem diferente e um jeito de tocar distinto da tradição. O mundo

Chega de saudade de Tenório Jr

que cantava Frank Sinatra também tinha Pixinguinha e descobriu o Brasil com Tom Jobim e outros grandes nomes, sendo que Tenório Jr estava ao piano”, disse Trueba a San Sebastián.

Grandes diretores brasileiros já abriram o Festival do Rio no passado, como Daniel Filho, Bruno Barreto, Miguel Faria Jr., Arnaldo Jabor (1940-2022), Breno Silveira (1964-2022), mas, este ano, a carioca que inaugura a maratona cinéfila carioca tem temperos espanhóis, embora cada um dos personagens tenha seu desenho trabalhado pelo mais famoso quadrinista do país na atualidade: o niteroiense Marcello Quintanilha (de “Tungstênio”). Residente em Barcelona, ele ganhou prêmios em toda a Europa com o gibi “Escuta, Formosa Márcia” e participa da criação do longa de Trueba e Mariscal, com quem trabalhou também na animação “Chico y Rita”, um dos con-

correntes ao Oscar em 2012.

“O realismo não é o meu forte, que deermo o real em estratégias gráficas variadas, mas, o Marcello domina bem esse código”, disse Mariscal ao Correio da Manhã, em San Sebastián. “É uma grande ajuda fazer um filme sobre um país diferente do seu e poder consultar um artista local sobre como se bebe cerveja na praia de Ipanema em vez de recorrer às respostas do Google. O mais interessante é que esse nosso parceiro, o Marcello, tem o diferencial de ser um autor de HQs sobre pessoas pobres de periferia que buscam sobreviver. Não é um cronista de um mundo branco de classe média. Na produção deste filme sobre Tenório, ele desenhava os personagens de perfil e de frente, como se fazem nos retratos das fichas policiais, o que nos trazia diferentes perspectivas das figuras”.

Oscarizado em 1994 com a estatueta da Academia de Holly-

wood de Melhor Filme Estrangeiro por “Belle Epoque”, Trueba já filmou com astros americanos (“Quero Dizer Que Te Amo” tinha Daryl Hanna e Melanie Griffith) e fez documentários sobre a música latina, como “Calle 54” (2000) e “Milagre do Candéal” (2004), sobre a Bahia de Carlinhos Brown. Foi em terras baianas que ele soube de Tenório Jr. e ficou encantado com seu estilo. No filme sobre o músico, Jeff Goldblum dá voz a um jornalista que investiga o sumiço do instrumentista e Tony Ramos cede o gogó a João, espécie de guia da geografia brasileira e especialista em MPB.

“Não considerava uma opção interessante escalar um cineasta estrangeiro que se interessasse por Tenório Jr. como protagonista, para não soar enfadonho, nem burguês, o que me levou a optar pela figura de um repórter e escritor”, disse Trueba. “No princípio, ‘Atiraram

no Pianista’ ia ter uma coprodução brasileira, mas fomos prejudicados pelo corte às verbas da cultura no governo Bolsonaro. Acabamos filmando com o apoio da França e da Holanda”. A primeira parte do filme é uma aula de música ao narrar a reportagem feita pelo jornalista estadunidense em busca do paradeiro de Tenório, ouvindo sua mulher, uma namorada e colegas ilustres, como Milton Nascimento, Toquinho e a assessora de imprensa Gilda Mattoso, além do poeta Ferreira Gullar (1930-2016). O autor de “Poema Sujo” narra um caso exótico envolvendo uma vidente. É espantosa a semelhança entre os desenhos animados de todas as personalidades do longa, cuja segunda parte, com mais tom de teoria conspiratória, passa-se na Argentina. Lá, conferimos dados beeeem concretos do potencial assassinato do músico.

“Encontramos uma entrevista inédita de Vinicius de Moraes durante a pesquisa em que ele demonstra, no olhar, seu desespero em relação ao que houve com Tenório”, diz Trueba.

A partir de sexta, o Festival do Rio vai se espalhar por outras telas da cidade, iniciando sua Première Brasil, com 91 produções. Entre as atrações obrigatórias se destaca “Puan”, comédia argentina de María Alché e Benjamín Naishtat, laureada em San Sebastián com os prêmios de Melhor Roteiro (escrito pelos cineastas) e Melhor Interpretação (Marcelo Subiotto).

'Tem remakes que se fizerem eu vou ter muito ciúme'

Eterna Heleninha Roitman, Renata Sorrah é contra uma nova versão de 'Vale Tudo'

O projeto de fazer um remake de "Vale Tudo", trama produzida em 1988 pela Globo, dividiu opiniões na internet. Para alguns, esse é um dos maiores clássicos da teledramaturgia brasileira e não precisa de uma atualização, enquanto outros acreditam que os avanços tecnológicos que ocorreram desde então justificam uma nova visita ao texto.

Renata Sorrah, que se destacou na trama como a Heleninha Roitman, parece ser do primeiro time. A atriz diz que a jovem rica e alcoólatra é "um dos personagens mais incríveis que eu fiz" e que a trama "foi uma das novelas mais lindas que já foram escritas". "Quando fazem um remake é bacana, [mas] tem remakes que se fizerem eu vou ter muito ciúme (risos)", conta ela. "Mas quando passa de novo a nove-

la, revisita a novela, eu acho muito interessante ver. É um documento de época, tem algumas novelas que a gente vê e fica: 'Meu Deus, não tinha nem celular', 'Olha o telefone, a televisão, a roupa'."

Em breve, Renata poderá ser vista em outro trabalho que fez com o autor Gilberto Braga (1945-2021) - "Vale Tudo" foi escrita em parceria com Aguinaldo Silva e Leonor Bassères. "Fiz grandes tra-

balhos com ele, ele escreveu para o Brasil umas novelas e folhetins maravilhosos. Ele reinventou coisas, escreveu personagens icônicos. Ele faz muita falta".

Desta vez, trata-se de "Pátria Minha", escrita em colaboração com Alcides Nogueira, Leonor Bassères, Sérgio Marques e Ângela Carneiro, que estreia no catálogo do Globoplay no dia 9 de outubro. A trama de 1994 trazia a atriz como

Natália, uma mulher batalhadora e mãe solteira. "Minha personagem tinha uma filha maravilhosa, ela trabalhava fora e criava a filha. Era uma relação muito aberta, muito verdadeira, uma relação muito bacana de mãe e filha", lembra.

Ela dá um exemplo de como isso se dava na prática. "Eu me lembro de uma história que a filha namorava e ela achava bacana, transformou o quarto da filha dela e deu uma cama de casal, porque ela achava melhor, visto que a filha tinha idade para namorar e ter um relacionamento", conta.

Natália era a mãe da protagonista Alice, interpretada por Cláudia Abreu, de quem ela fala com carinho até hoje. "A gente ficou amiga e comadre para o resto da vida", afirma. "Então, são esses encontros em cima de um palco, em um set de televisão, em um set de filmagem, que são encontros de amizades para o resto da vida. E com a Cacau foi assim, com a Cláudia Abreu, ela é uma das pessoas que eu mais admiro e mais gosto."

Manoela Mello/TV Globo



Renata Sorrah tem grandes lembranças de Heleninha

FERNANDO MOLICA



"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

"Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas"

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



RUDOLFO LAGO

Jornalista e compositor, Aloysio Reis lança seu segundo livro unindo linguagens do romance policial com o realismo fantástico

O real e o imaginário se completam em histórias que desafiam as normas da razão, da lógica e da própria linguagem. Em seu segundo livro, “O Eterno Desencontro das Paralelas” (Editora Autografia), o jornalista Aloysio Reis constrói tramas de humor nonsense com toques sobrenaturais. Ao longo de 15 capítulos, o texto une o romance policial ao realismo fantástico em um texto coeso, sem firulas nem excessos. O lançamento será nesta quinta-feira (5) na Livraria Argumento, no Leblon.

Aloysio revela em sua prosa personagens reais e fictícios em histórias que se misturam. De um lado, o leitor se depara com Jânio Quadros, Nietzsche e Agatha Christie; de outro, encontra tipos clássicos das histórias policiais, como o delegado, o coronel e um matador profissional. Eles viajam a bordo do Expresso Mineiro, trem que conduz os personagens até a cidade fictícia de Albertosa, em uma viagem cercada de mistério, paixões e morte.

O que une todos eles é a grande inspiração autobiográfica de Aloysio, que foi repórter policial do jornal “Última Hora” no início da carreira. As paralelas que dão título ao livro remetem aos trilhos do trem e escancaram a vida como a arte do desencontro: o eterno abismo entre expectativa e realidade, o fosso que separa os homens de seus desejos e ambições.

“Sonhando com paralelas, os homens criaram os trilhos. Sobre os trilhos, os homens colocaram trens para levar seus medos e desejos até uma estação imaginária chamada destino. Até hoje, não se tem notícia de comboio que tenha encontrado seu destino. Nem aqui nem no infinito”, explica o autor, que é presidente da Sony Music Publishing Brasil.



Realidade e ficção embaralhadas



Aloysio Reis desenvolve uma prosa nonsense e repleta de mistério em ‘O Eterno Desencontro das Paralelas’

Mesmo situado no início dos anos 1960, época da renúncia de Jânio, as referências políticas do livro são bastante atuais. Um dos personagens mais fascinantes da trama é o diabo, encarnado na figura do pastor Apolion. Em um diálogo revelador, ele conta seus métodos de trabalho. “Meus superiores são diabos modernos, urbanos e sofisticados (...). Eles incorporam personagens ilustres. Eles são grandes líderes políticos e religiosos, entidades cheias de vaidade que se utilizam do rádio e da televisão para difundir sua obra obscura. Esses momentos tensos, de turbulências políticas e sociais, fazem prever anos ainda mais violentos nas próximas décadas. Enquanto os estúpidos pacifistas sonham com a Era de Aquarius, meus superiores já estão vislumbrando novas ferramentas tecnológicas que aumentarão seu poder de forma brutal. Os novos métodos de comunicação vão utilizar-se de satélites para espalhar notícias falsas e

ódio contra minorias indefesas. Alguns demônios serão eleitos pelo voto, iludindo as massas com notícias falsas”, diz o personagem.

Aloysio Reis estreou na ficção com “Rio Vermelho e outros relatos improváveis”, livro de contos lançado em 2018. Desta vez, foi mais fundo no conflito entre desejo e realidade, tendo como pano de fundo um Brasil às voltas com denúncias de corrupção e a renúncia do presidente da República.

No caminho para Albertosa, os personagens revivem a história de suas vidas, que se choca com seus planos e ambições. “O livro desenha, através de seus personagens, a vida real e o sonho, como dois trilhos que se estendem lado a lado sem jamais se tocar. Os desvios são também caminhos. Os roteiros podem ser reescritos e o destino pode ser considerado como hipótese”, diz Milena Palha, produtora editorial da Autografia Editora.

“O Eterno Desencontro das Paralelas” tem prefácio assinado pelo compositor Paulo César Pinheiro, que descreve o livro como arrebatador, feiticeiro e ilusionista. “Aloysio fez-me voltar ao meu passado de fantasia, quando minha poesia começava a aflorar e, tudo que era diferente levava-me a um mundo mítico e imaginário que me tomava e arrebatava, e me obrigava a escrever sem parar. (É).. nonsense na sua essência mais pura. Surrealismo no seu âmago”, descreve.

Nascido na Lapa (“numa segunda-feira de Carnaval”) e criado em Niterói, Aloysio é também compositor gravado por Roberto Carlos, Fafá de Belém, Ney Matogrosso, Byafra e Flavio Venturini, entre outros artistas. Foi presidente da EMI Music e hoje dirige a editora musical da Sony Music. Aloysio faz parte do Conselho Executivo da Academia Latino-Americana de Artes e Ciências da Gravação (Latin Grammy) e foi membro da diretoria da União Brasileira de Compositores (UBC).

Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra
uma liderança imbatível de mercado tem que
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.



PROTEL

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.